

**TEORIA E PRÁTICA DA
AVALIAÇÃO EDUCACIONAL:
DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS,
PERSPECTIVAS
FORMATIVAS E
IMPLICAÇÕES PARA A
APRENDIZAGEM
SIGNIFICATIVA**

**THEORY AND PRACTICE OF EDUCATIONAL ASSESSMENT:
CONTEMPORARY CHALLENGES, FORMATIVE PERSPECTIVES, AND
IMPLICATIONS FOR MEANINGFUL LEARNING**

Ciências Humanas • 11/09/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/789013289](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/789013289)

Girlan Moura Oliveira¹

José Batista de Almeida²

Lívia Silva dos Santos³

Lucas Silva dos Santos⁴

Lucicláudia Silva dos Santos⁵

Magno de Souza Holanda⁶

RESUMO

A avaliação educacional constitui um dos principais instrumentos para o acompanhamento da aprendizagem e para o aprimoramento das práticas pedagógicas, assumindo papel estratégico na promoção de uma educação democrática, inclusiva e orientada ao desenvolvimento integral dos estudantes. O presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre teoria e prática da avaliação educacional, discutindo seus fundamentos teóricos, os desafios contemporâneos e suas implicações para a aprendizagem significativa. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios e descritivos. O levantamento das produções científicas fundamentou-se em livros, artigos e documentos acadêmicos nacionais e internacionais publicados entre o período de 2010 e 2025, por meio de consulta a plataformas como SciELO, *Google Scholar* e Portal de Periódicos CAPES, consultando estudos relacionados à avaliação da aprendizagem, avaliação formativa, práticas pedagógicas, tecnologias educacionais e educação inclusiva. A análise do material foi conduzida por meio da Análise de Conteúdo, na perspectiva de Bardin (2016), permitindo a organização dos resultados em categorias temáticas. Os resultados evidenciam que a superação de modelos avaliativos centrados na classificação e na mensuração do desempenho requer práticas diagnósticas, formativas e mediadoras capazes de favorecer intervenções pedagógicas contínuas, respeitando as diferenças individuais e promovendo aprendizagens significativas. Além disso, constatou-se que as transformações decorrentes da cultura digital, da ampliação das políticas de inclusão, da utilização de tecnologias educacionais e da crescente presença da inteligência artificial impõem novos desafios à avaliação da aprendizagem, exigindo formação docente permanente e redefinição das estratégias avaliativas. Conclui-se que a articulação

entre fundamentos teóricos consistentes e práticas avaliativas contextualizadas fortalece a qualidade dos processos educativos, contribuindo para a consolidação de uma avaliação comprometida com a aprendizagem, a equidade e a inovação pedagógica.

Palavras-chave: Avaliação educacional; Avaliação formativa; Aprendizagem significativa; Avaliação da aprendizagem; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

Educational assessment is one of the main instruments for monitoring learning and improving pedagogical practices, playing a strategic role in promoting democratic, inclusive, and student-centered education. This study aims to analyze the relationship between the theory and practice of educational assessment by discussing its theoretical foundations, contemporary challenges, and implications for meaningful learning. This is a qualitative bibliographic study with exploratory and descriptive objectives. The literature review was based on books, scientific articles, and national and international academic publications published between 2010 and 2025, retrieved from databases and platforms such as SciELO, Google Scholar, and the CAPES Periodicals Portal. The review focused on studies addressing learning assessment, formative assessment, pedagogical practices, educational technologies, and inclusive education. Data were analyzed using Bardin's Content Analysis approach (2016), enabling the organization of the findings into thematic categories. The results indicate that overcoming assessment models centered on classification and performance measurement requires diagnostic, formative, and mediational practices capable of supporting continuous pedagogical interventions while respecting individual differences and promoting meaningful learning. Furthermore, the findings reveal that the

transformations driven by digital culture, the expansion of inclusive education policies, the increasing use of educational technologies, and the growing presence of artificial intelligence have introduced new challenges to learning assessment, requiring continuous teacher professional development and the redefinition of assessment strategies. It is concluded that the integration of consistent theoretical foundations with contextualized assessment practices strengthens the quality of educational processes, contributing to the consolidation of assessment committed to learning, equity, and pedagogical innovation.

Keywords: Educational assessment; Formative Assessment; Meaningful Learning; Learning Assessment; Pedagogical Practices; Inclusive Education.

1. INTRODUÇÃO

A avaliação educacional ocupa posição central nas discussões sobre a qualidade da educação e os processos de ensino e aprendizagem, constituindo-se como um dos principais instrumentos para acompanhar o desenvolvimento dos estudantes e subsidiar a tomada de decisões pedagógicas. Ao longo das últimas décadas, sua concepção evoluiu de uma perspectiva predominantemente classificatória e centrada na mensuração do desempenho para abordagens que reconhecem seu caráter diagnóstico, formativo e mediador, orientadas à promoção da aprendizagem e ao desenvolvimento integral dos educandos (Luckesi, 2011; Hoffmann, 2019).

Sob essa perspectiva, a avaliação deixa de ser compreendida apenas como mecanismo de verificação da aprendizagem para assumir papel estratégico na reorganização das práticas pedagógicas, na

identificação das potencialidades e dificuldades dos estudantes e na construção de processos educativos mais inclusivos e democráticos. Essa mudança de paradigma está alinhada às contribuições de autores como Perrenoud (1999), que compreende a avaliação como instrumento de regulação das aprendizagens, e Fernandes (2009), ao defender uma avaliação comprometida com a melhoria contínua do ensino e da aprendizagem.

Juntamente às transformações conceituais da avaliação, as mudanças sociais, culturais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas ampliaram significativamente a complexidade dos processos avaliativos. A expansão das tecnologias digitais, o fortalecimento das políticas de educação inclusiva, a crescente diversidade presente nas salas de aula, a consolidação das avaliações externas em larga escala e, mais recentemente, o avanço da inteligência artificial generativa têm imposto novos desafios aos sistemas educacionais e à atuação docente. Nesse cenário, avaliar exige não apenas domínio de instrumentos e procedimentos técnicos, mas também capacidade de compreender os diferentes contextos de aprendizagem, respeitar as singularidades dos estudantes e utilizar evidências para orientar intervenções pedagógicas qualificadas.

Embora exista vasta produção científica acerca da avaliação educacional, observa-se que ainda são relativamente escassos estudos que integrem, de maneira sistemática, os fundamentos teóricos da avaliação formativa às demandas contemporâneas decorrentes da cultura digital, da educação inclusiva, das avaliações em larga escala e do uso crescente de tecnologias digitais e inteligência artificial nos processos educativos. Essa lacuna evidencia a necessidade de investigações que articulem diferentes referenciais

teóricos para compreender como tais transformações influenciam as práticas avaliativas e seus impactos sobre a aprendizagem significativa.

Como objetivo geral da pesquisa, propõe analisar a relação entre teoria e prática da avaliação educacional na perspectiva da aprendizagem significativa, discutindo seus fundamentos teóricos, os desafios contemporâneos e as implicações das práticas avaliativas para a promoção da aprendizagem, da inclusão e da qualidade da educação.

Dentre os objetivos específicos, destacam-se: (a) compreender os principais fundamentos teóricos que sustentam a avaliação educacional na perspectiva da aprendizagem significativa; (b) analisar a evolução das concepções de avaliação, destacando a transição dos modelos classificatórios para abordagens diagnósticas, formativas e mediadoras; (c) identificar os fatores que dificultam a implementação de práticas avaliativas formativas nas instituições de ensino; (d) discutir as contribuições das tecnologias digitais, da educação inclusiva e das avaliações externas para a ressignificação dos processos avaliativos; (e) refletir sobre os desafios e as possibilidades da avaliação educacional diante da cultura digital e da utilização da inteligência artificial na educação.

A relevância deste estudo fundamenta-se, portanto, na necessidade de ampliar a compreensão sobre a relação entre teoria e prática da avaliação educacional diante dos desafios impostos à educação contemporânea. Ao reunir contribuições de diferentes correntes teóricas e dialogar com discussões recentes sobre inovação pedagógica, inclusão e cultura digital, esta pesquisa busca oferecer subsídios para o fortalecimento de práticas avaliativas mais

democráticas, contextualizadas e comprometidas com o desenvolvimento integral dos estudantes, contribuindo para o aperfeiçoamento das políticas educacionais e da formação docente.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza básica, por buscar ampliar a compreensão teórica acerca da avaliação educacional e de suas implicações para os processos de ensino e aprendizagem, sem a pretensão de aplicação imediata dos resultados. Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que privilegia a interpretação, a compreensão e a análise crítica das concepções teóricas relacionadas à avaliação da aprendizagem, considerando a complexidade dos fenômenos educacionais e seus múltiplos contextos.

No que se refere aos objetivos, a investigação possui caráter exploratório e descritivo. É exploratória porque busca aprofundar a compreensão dos fundamentos teóricos e dos desafios contemporâneos da avaliação educacional, proporcionando maior familiaridade com o tema e identificando aspectos ainda pouco discutidos na literatura. Simultaneamente, caracteriza-se como descritiva por sistematizar, organizar e interpretar diferentes perspectivas teóricas acerca da avaliação da aprendizagem, evidenciando suas contribuições para o desenvolvimento de práticas pedagógicas formativas.

Quanto aos procedimentos técnicos, o estudo fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos acadêmicos relacionados à avaliação educacional, à aprendizagem significativa, à

avaliação formativa, às práticas pedagógicas, às tecnologias educacionais e à educação inclusiva. O levantamento bibliográfico contemplou produções nacionais e internacionais publicadas entre 2010 e 2025, permitindo integrar referenciais clássicos e estudos contemporâneos sobre a temática.

A seleção do material bibliográfico foi realizada por meio de consultas às bases e plataformas SciELO, *Google Scholar* e Portal de Periódicos CAPES, utilizando descritores como avaliação educacional, avaliação da aprendizagem, avaliação formativa, aprendizagem significativa, práticas pedagógicas, educação inclusiva, tecnologias educacionais e inteligência artificial na educação. Também foram consideradas obras clássicas amplamente reconhecidas na área, em razão de sua relevância para a consolidação dos referenciais teóricos da avaliação educacional.

Como critérios de inclusão, foram selecionadas publicações disponíveis em língua portuguesa, inglesa e espanhola, que apresentassem discussões diretamente relacionadas aos objetivos da pesquisa, com fundamentação teórica consistente e reconhecida relevância acadêmica. Foram excluídos estudos duplicados, trabalhos sem relação direta com o objeto investigado, publicações sem respaldo científico e documentos cujo conteúdo não contribuísse para a compreensão da avaliação educacional na perspectiva da aprendizagem.

A organização e interpretação do material ocorreram por meio da Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). Esse procedimento metodológico possibilitou identificar unidades de significado, agrupar informações em categorias temáticas e estabelecer relações entre os diferentes referenciais teóricos,

favorecendo uma análise crítica dos fundamentos da avaliação educacional, das práticas avaliativas e dos desafios impostos pelas transformações contemporâneas da educação.

Por fim, a interpretação dos resultados foi conduzida de forma analítica e comparativa, promovendo o diálogo entre diferentes autores e perspectivas teóricas, com o propósito de compreender convergências, divergências e contribuições para o fortalecimento de práticas avaliativas comprometidas com a aprendizagem significativa, a inclusão, a equidade e a inovação pedagógica.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: CONCEPÇÕES E FINALIDADES DA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

Como um dos elementos estruturantes do processo de ensino e aprendizagem, a avaliação educacional vem desempenhando uma função importante dentro do planejamento pedagógico, principalmente, para a tomada de decisões docentes e o acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes. Muito além da atribuição de notas ou da certificação de resultados, a avaliação passou a ser compreendida, especialmente nas últimas décadas, como um processo contínuo, sistemático e intencional voltado à compreensão da aprendizagem, à identificação de dificuldades e potencialidades e ao aperfeiçoamento das práticas educativas.

Historicamente, entretanto, a avaliação esteve fortemente vinculada à lógica da mensuração do rendimento escolar. Durante grande parte do século XX, predominou uma concepção fundamentada na aplicação de provas e exames cuja principal finalidade consistia em classificar os estudantes, selecionar aqueles considerados aptos a prosseguir em sua trajetória escolar e certificar conhecimentos

adquiridos ao término de determinado período letivo. Nesse modelo, o sucesso da aprendizagem era frequentemente reduzido ao desempenho obtido em instrumentos padronizados, reforçando uma cultura escolar centrada na nota, na aprovação e na reprovação.

As concepções de avaliação educacional acompanharam as transformações ocorridas no campo da educação e das teorias da aprendizagem. Durante muitos anos, predominou uma perspectiva centrada na verificação do rendimento escolar, na mensuração de resultados e na classificação dos estudantes, atribuindo à avaliação uma função predominantemente seletiva. Nesse modelo, os exames constituíam o principal instrumento para aferição da aprendizagem, restringindo a avaliação à comprovação dos conhecimentos adquiridos ao final do processo educativo. Com o avanço das discussões pedagógicas, essa compreensão passou por importantes mudanças. A avaliação passou a ser concebida como um processo contínuo, sistemático e integrado ao ensino, cuja finalidade ultrapassa a atribuição de notas e a certificação da aprendizagem. Nessa perspectiva, Luckesi (2011), sustenta que a avaliação deve assumir caráter diagnóstico, produzindo informações que subsidiem a tomada de decisões pedagógicas e contribuam para o desenvolvimento do estudante, em substituição ao modelo meramente classificatório.

Complementarmente, essa mudança de paradigma também é evidenciada por Hoffmann (2019), ao defender que a avaliação deve constituir um processo de mediação entre o ensino e a aprendizagem, fundamentado na observação, no diálogo e na reflexão permanente sobre o desenvolvimento do educando. Assim, a avaliação deixa de representar um momento isolado de verificação para integrar o cotidiano escolar, orientando intervenções que

favoreçam a construção do conhecimento. Encontra-se na literatura educacional três finalidades complementares da avaliação: diagnóstica, formativa e somativa.

A avaliação diagnóstica busca identificar os conhecimentos prévios, as potencialidades e as dificuldades dos estudantes, oferecendo subsídios para o planejamento das ações pedagógicas. Conforme Haydt (2004), esse levantamento inicial possibilita ao professor adequar conteúdos, metodologias e estratégias às necessidades da turma, favorecendo um processo de ensino mais coerente com a realidade dos estudantes.

A avaliação formativa desenvolve-se ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem, permitindo o acompanhamento contínuo da evolução do estudante. Perrenoud (1999), afirma que a avaliação formativa constitui importante instrumento de regulação das aprendizagens, permitindo ao professor identificar obstáculos enfrentados pelos estudantes e reorganizar continuamente suas estratégias de ensino. Nota-se, portanto, que seu principal objetivo consiste em fornecer informações que possibilitem reorientar as práticas pedagógicas sempre que necessário, favorecendo a superação das dificuldades identificadas, de modo que o erro passa a ser compreendido como parte do processo de aprendizagem e como elemento capaz de orientar novas intervenções didáticas.

Com relação à avaliação somativa é realizada ao final de uma etapa ou período letivo, tendo como finalidade verificar os resultados alcançados pelos estudantes. Embora esteja mais associada aos processos de certificação e registro do desempenho escolar, de forma burocrática, sua utilização torna-se mais significativa, com relevância social, quando aplicada de forma ética, pois permite

validar e certificar competências e saberes adquiridos ao longo de uma etapa formativa (Perrenoud, 1999).

Assim, a avaliação educacional consolida-se como um processo permanente de acompanhamento da aprendizagem, fundamentado na produção de informações que orientam o planejamento, a tomada de decisões e as intervenções pedagógicas. Desse modo, a avaliação educacional assume um papel estratégico no processo educativo, ao fornecer informações que orientam o planejamento docente, qualificam as intervenções pedagógicas e contribuem para o desenvolvimento dos estudantes.

3.1. A Prática da Avaliação no Contexto Escolar

O processo de ensino e aprendizagem envolve diferentes elementos que, de forma articulada, contribuem para o desenvolvimento integral dos estudantes e para o alcance dos objetivos educacionais. Entre eles, a avaliação da aprendizagem atua no fornecimento de subsídios para a compreensão do percurso formativo dos educandos e para o planejamento de intervenções pedagógicas (Zabala, 2015). Sob a perspectiva histórico-cultural, a compreensão da avaliação como um processo de identificação das potencialidades dos estudantes está em consonância com os pressupostos de Vygotsky (1998, p.117). Para o autor, "[... o 'bom aprendiz' é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento...]", o que reforça a importância de práticas pedagógicas voltadas à identificação e ao estímulo das capacidades que o estudante ainda está em processo de consolidar.

Ao longo da história da educação, a avaliação assumiu diferentes significados e funções, acompanhando as transformações sociais, culturais e pedagógicas que marcaram os sistemas de ensino.

Durante muito tempo, predominou uma concepção pautada na mensuração do desempenho escolar, cujo principal objetivo consistia em classificar os estudantes de acordo com os resultados obtidos em provas e exames. Segundo Luckesi (2011, p.31), historicamente, "[... a prática de exames e provas esteve e está voltada para a classificação e a seletividade dos educandos". Essa lógica contribuiu para consolidar práticas centradas na atribuição de notas e na comparação entre estudantes, conferindo à avaliação um caráter predominantemente quantitativo e classificatório.

A permanência da concepção tradicional de avaliação ainda pode ser observada em diversas instituições de ensino, nas quais o processo avaliativo permanece fortemente associado à atribuição de notas e à classificação dos estudantes. Nessa perspectiva, a avaliação tende a ser compreendida como um mecanismo de julgamento do desempenho, privilegiando os resultados obtidos em detrimento da aprendizagem. Conforme argumenta Perrenoud (1999), essa lógica vincula a avaliação ao sucesso ou ao fracasso escolar, em vez de utilizá-la como instrumento de acompanhamento e promoção da aprendizagem.

Essa compreensão reduz a complexidade do processo educativo a indicadores quantitativos, desconsiderando aspectos relevantes relacionados às experiências individuais dos estudantes, aos diferentes ritmos de aprendizagem e às múltiplas formas de construção do conhecimento.

Em contrapartida, a avaliação deve ser compreendida sob "[... a perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber...]" Hoffmann (2019, p.17). No contexto escolar, diferentes instrumentos são utilizados para avaliar

o desempenho dos estudantes. Entre os mais frequentes destacam-se as provas escritas, os trabalhos individuais e em grupo, os seminários, as atividades de pesquisa, os exercícios realizados em sala de aula e a observação da participação dos estudantes nas atividades propostas.

Embora existam diferentes possibilidades de avaliação, a escolha dos instrumentos depende de fatores como os objetivos de aprendizagem, as características da turma e as condições de trabalho oferecidas pela instituição escolar. Assim, a prática avaliativa deve buscar contemplar múltiplas dimensões do desenvolvimento dos estudantes, evitando restringir-se a um único método.

De acordo com Libâneo (2013), as provas tradicionais tendem a gerar elevados níveis de ansiedade entre os estudantes, o que pode comprometer seu desempenho durante as avaliações. Dessa forma, os resultados obtidos podem ser influenciados por fatores emocionais e circunstanciais, não representando necessariamente o nível real de aprendizagem alcançado. A preocupação com o resultado numérico pode se sobrepor ao interesse pela aprendizagem efetiva dos conteúdos. Como consequência, alguns alunos passam a estudar prioritariamente para obter boas notas, e não necessariamente para compreender e construir conhecimentos significativos. Embora a avaliação tenha como função fornecer informações sobre o desenvolvimento da aprendizagem, seu uso estritamente classificatório pode limitar seu potencial formativo.

Por essa razão, diversos estudiosos defendem que a prova e a nota não sejam eliminadas, mas resignificadas dentro de uma perspectiva mais ampla de avaliação. Nessa concepção, os

resultados obtidos pelos estudantes passam a ser utilizados como indicadores para orientar intervenções pedagógicas, identificar dificuldades e promover melhorias no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, a prática da avaliação no cotidiano escolar envolve desafios tanto para professores quanto para estudantes. Os docentes são frequentemente responsáveis pela elaboração de instrumentos avaliativos, pela correção de atividades, pelo registro de resultados e pelo atendimento às exigências institucionais relacionadas ao acompanhamento do desempenho escolar. Muitas vezes, a grande quantidade de turmas e estudantes dificulta a realização de avaliações mais diversificadas e individualizadas. Além disso, é importante reconhecer que os estudantes apresentam ritmos, interesses e formas distintas de aprender (Hoffmann, 2019; Libâneo, 2013).

Nesse sentido, avaliações padronizadas podem não contemplar adequadamente a diversidade presente nas salas de aula, esse cenário evidencia a necessidade de práticas avaliativas mais flexíveis, capazes de considerar as particularidades dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Diante dessas limitações, cresce a defesa de práticas avaliativas que valorizem o acompanhamento contínuo da aprendizagem, a participação ativa dos estudantes e o uso de diferentes instrumentos de avaliação. Assim, a discussão sobre a prática da avaliação no contexto escolar evidencia a necessidade de superação de modelos exclusivamente classificatórios e a construção de processos mais democráticos, inclusivos e comprometidos com a aprendizagem significativa.

A avaliação, quando compreendida como instrumento de reflexão e transformação das práticas pedagógicas, assume papel fundamental no contexto escolar contemporâneo. Mais do que um mecanismo de controle ou classificação, deve ser entendida como uma ferramenta pedagógica capaz de promover a aprendizagem, orientar o trabalho docente e favorecer a inclusão educacional. Avaliar implica reconhecer os avanços e as dificuldades dos estudantes, respeitar suas singularidades e criar condições para que todos tenham oportunidades reais de desenvolvimento.

Torna-se necessário superar concepções restritas que reduzem a avaliação à aplicação de provas e à atribuição de notas, adotando perspectivas que valorizem o acompanhamento contínuo da aprendizagem e a formação integral dos estudantes. Somente por meio dessa compreensão será possível construir processos avaliativos mais democráticos, inclusivos e comprometidos com a qualidade da educação (Hoffmann, 2019).

Nessa perspectiva, reafirma-se a necessidade de ressignificar as práticas avaliativas, de modo que contribuam efetivamente para a construção do conhecimento, para a autonomia dos estudantes e para a transformação das práticas educativas em direção a uma educação mais humanizada, inclusiva e emancipatória.

4. DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

As transformações sociais, culturais, tecnológicas e educacionais ocorridas nas últimas décadas têm ampliado a complexidade dos processos de ensino e aprendizagem, repercutindo diretamente sobre as práticas avaliativas desenvolvidas nas instituições de ensino. Nesse contexto, a literatura evidencia que os modelos tradicionais de

avaliação, fundamentados predominantemente na mensuração do desempenho e na classificação dos estudantes, mostram-se insuficientes para responder às demandas da educação contemporânea. Em seu lugar, consolida-se uma concepção que compreende a avaliação como um processo contínuo, diagnóstico, formativo e comprometido com a promoção da aprendizagem.

Sob essa perspectiva, Hadji (2001) defende que a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem, constituindo-se como instrumento capaz de orientar decisões pedagógicas e favorecer o desenvolvimento dos estudantes. Em consonância com esse entendimento, Luckesi (2011) afirma que avaliar significa diagnosticar a aprendizagem para subsidiar intervenções pedagógicas, superando práticas centradas exclusivamente na atribuição de notas e na classificação dos educandos. Dessa forma, a literatura aponta que os desafios atuais da avaliação educacional estão relacionados não apenas à escolha de instrumentos avaliativos, mas também à construção de práticas mais inclusivas, democráticas e coerentes com as demandas da educação do século XXI.

A análise da produção científica consultada permitiu identificar quatro eixos que sintetizam os principais desafios contemporâneos da avaliação educacional: a consolidação de práticas avaliativas inclusivas, a incorporação das tecnologias digitais aos processos de avaliação, as pressões decorrentes das avaliações externas em larga escala e a necessidade de fortalecimento da formação docente para o desenvolvimento de práticas avaliativas inovadoras.

4.1. Avaliação em Contextos de Diversidade e Inclusão

No que consiste a educação inclusiva, a ampliação do acesso à educação básica e superior tornou as instituições de ensino espaços cada vez mais heterogêneos, reunindo estudantes com diferentes trajetórias, contextos socioculturais, ritmos de aprendizagem e necessidades educacionais específicas. Nesse cenário, modelos avaliativos padronizados mostram-se insuficientes para contemplar a diversidade presente nas salas de aula.

Segundo Mantoan (2015), uma escola inclusiva pressupõe práticas avaliativas flexíveis, capazes de reconhecer as diferenças individuais sem transformá-las em fatores de exclusão. Complementarmente, Luckesi (2011), aponta que a avaliação diagnóstica deve identificar as necessidades dos estudantes para orientar intervenções pedagógicas, e não classificá-los ou excluí-los. Outrossim, Hoffmann (2019) compreende a avaliação mediadora como um processo contínuo de acompanhamento da aprendizagem, fundamentado no diálogo entre professor e estudante e na valorização dos percursos individuais de desenvolvimento.

Nota-se que a inclusão pode ser comprometida quando os processos avaliativos permanecem fundamentados em critérios rígidos, homogêneos e classificatórios. Conforme ressalta Luckesi (2011), o ato de avaliar deve favorecer a inclusão e o desenvolvimento dos estudantes, distinguindo-se da lógica dos exames, cuja finalidade consiste essencialmente na seleção e classificação. Essa concepção aproxima-se das ideias de Freire (2011), para quem a educação deve promover a participação, a autonomia e o reconhecimento dos saberes dos educandos, exigindo práticas avaliativas coerentes com esses princípios.

4.2. Impactos das Tecnologias Digitais na Avaliação

Com as transformações provocadas pelas tecnologias digitais, a expansão dos ambientes virtuais de aprendizagem, plataformas educacionais, recursos multimídia, inteligência artificial e ferramentas colaborativas modificou de modo significativo as possibilidades de acompanhamento da aprendizagem e de produção de evidências avaliativas. De acordo com Bacich e Moran (2018), a integração das tecnologias digitais favorece processos de avaliação contínua ao possibilitar registros permanentes da aprendizagem, feedback mais ágil e maior participação dos estudantes na construção do conhecimento. Além disso, quando articuladas às metodologias ativas, essas tecnologias ampliam as possibilidades de personalização da aprendizagem e permitem que a avaliação acompanhe todo o percurso formativo do estudante.

Em contrapartida, Kenski (2012) destaca que a incorporação das tecnologias à educação exige mudanças que ultrapassam a adoção de novos recursos, demandando transformações nas concepções pedagógicas que orientam o ensino e a avaliação. Soma-se a isso a persistência da exclusão digital, as dificuldades de formação tecnológica dos docentes e os desafios relacionados à ética, à autoria e ao uso da inteligência artificial nos processos avaliativos.

4.3. Expansão das Avaliações: Desempenho e Resultados

A expansão de indicadores educacionais, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), avaliações nacionais e exames internacionais, contribuiu para fortalecer mecanismos de monitoramento da qualidade da educação. Esses instrumentos também passaram a exercer influência significativa sobre o planejamento pedagógico das instituições escolares. A crescente valorização das avaliações favorece modelos de responsabilização

centrados em indicadores quantitativos, podendo produzir consequências como estreitamento curricular, intensificação da competição entre escolas, ampliação das desigualdades educacionais e redução da autonomia docente (Freitas, 2014; Afonso, 2009).

Pontua-se que a qualidade da educação não pode ser reduzida ao desempenho obtido em testes padronizados, de modo que a formação escolar envolve dimensões cognitivas, sociais, culturais, éticas e políticas que extrapolam os resultados mensurados por avaliações externas. Entende-se que a avaliação educacional deve estar comprometida com a formação humana e com a promoção da qualidade social da educação, e não apenas com a obtenção de indicadores de desempenho (Libâneo, 2013; Dias Sobrinho, 2003).

4.4. Formação Docente para Práticas Avaliativas Inovadoras

A consolidação de práticas avaliativas inovadoras depende diretamente da formação inicial e continuada dos professores, como um processo permanente de reflexão sobre a prática profissional, condição indispensável para o desenvolvimento de novas competências relacionadas ao ensino e à avaliação. Observa-se que muitos professores reproduzem práticas avaliativas centradas no julgamento dos resultados porque essas concepções foram incorporadas ao longo de sua própria formação como estudantes e profissionais da educação. Tal constatação possibilita promover a reflexão crítica sobre as concepções de avaliação presentes no cotidiano escolar (Hoffmann, 2013; Nóvoa, 1995).

Segundo Perrenoud (1999), a função de avaliar vai mais além do que praticá-la para a obtenção de notas; ela implica regular

continuamente as aprendizagens, exigindo competências relacionadas ao planejamento, à interpretação das evidências de aprendizagem e à utilização de instrumentos diversificados. Assim, os saberes docentes são continuamente construídos e ressignificados na prática profissional, reforçando a importância da formação permanente para o aprimoramento das práticas avaliativas, de modo que essa inovação não significa apenas adotar novos instrumentos, mas transformar a própria concepção do ato de avaliar, compreendendo-o como um processo permanente de investigação e promoção da aprendizagem (Hoffmann, 2019; Tardif, 2014).

Nesse sentido, pode-se reconhecer que a formação docente deve contemplar conhecimentos relacionados à avaliação formativa, à educação inclusiva, às tecnologias digitais, às metodologias ativas e ao planejamento por competências.

5. AS PERSPECTIVAS PARA A APRENDIZAGEM E O CAMINHO COMO CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

No que concerne às perspectivas para práticas de aprendizagem, reflete-se, principalmente, acerca dos caminhos que a educação vem percorrendo diante das profundas transformações sociais, culturais, científicas e tecnológicas que caracterizam o século XXI. Em um mundo marcado pelo acesso rápido à informação, pela diversidade de experiências e pela constante necessidade de adaptação, aprender deixou de significar apenas memorizar conteúdos para tornar-se um processo de construção, reconstrução e aplicação do conhecimento em diferentes contextos da vida. Nesse cenário, a aprendizagem é compreendida como um fenômeno dinâmico, social e humano, que envolve aspectos

cognitivos, emocionais, culturais e éticos. Cada estudante traz consigo uma história de vida, saberes construídos em diferentes espaços sociais, expectativas, desafios e potencialidades. Reconhecer essa diversidade implica compreender que ensinar não consiste apenas em transmitir informações, mas em criar condições para que o conhecimento seja construído de forma significativa.

Essa concepção aproxima-se do pensamento de Paulo Freire (2011), ao afirmar que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção e construção, de modo que a educação deve promover autonomia, diálogo e consciência crítica, formando sujeitos capazes de interpretar e transformar a realidade.

Intrinsecamente às teorias contemporâneas da aprendizagem, observa-se que o conhecimento não é recebido de forma passiva pelo estudante, mas construído por meio da interação entre sujeito, ambiente e cultura. Segundo Piaget (1976), a aprendizagem é vista como resultado do desenvolvimento das estruturas cognitivas, onde o indivíduo aprende quando interage com o meio, reorganizando continuamente seus esquemas mentais por meio dos processos de assimilação e acomodação. Essa perspectiva evidencia que aprender exige atividade intelectual e participação ativa do estudante.

Complementando essa visão, Vygotsky (1998), enfatiza o papel das relações sociais na aprendizagem de forma que o desenvolvimento humano ocorre inicialmente no plano social para, posteriormente, tornar-se parte da estrutura cognitiva do indivíduo. Nesse processo, destaca-se a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conceito que demonstra a importância da mediação do professor e da interação entre os estudantes para favorecer novas aprendizagens. Outrossim, Ausubel (2003), afirma que a aprendizagem se torna significativa

quando novos conhecimentos conseguem relacionar-se aos conhecimentos prévios já existentes na estrutura cognitiva do estudante. Dessa forma, ensinar implica considerar aquilo que o aluno já sabe, valorizando suas experiências e favorecendo conexões que atribuam sentido ao conhecimento escolar. Essas diferentes abordagens convergem para uma compreensão comum: aprender é um processo ativo, contextualizado e profundamente influenciado pelas relações humanas.

5.1. As Transformações da Educação no Século Xxi

A sociedade contemporânea apresenta características distintas de períodos anteriores. A produção acelerada de informações, os avanços tecnológicos, a globalização, a inteligência artificial e as novas formas de comunicação modificaram profundamente a maneira como as pessoas aprendem, trabalham e se relacionam. Diante desse contexto, Morin (2000), defende uma educação voltada para a complexidade, capaz de superar a fragmentação dos saberes e preparar indivíduos para compreender os problemas globais de forma integrada, onde ensinar exige desenvolver a capacidade de contextualizar conhecimentos, interpretar informações e enfrentar situações incertas.

Essa perspectiva amplia a função da escola, que passa a assumir o compromisso de formar cidadãos críticos, criativos, éticos e socialmente responsáveis, preparados para aprender continuamente ao longo da vida. Entre as principais tendências educacionais está a valorização do protagonismo estudantil. O estudante deixa de ocupar uma posição exclusivamente receptiva para assumir papel ativo na construção do conhecimento.

Essa mudança implica reorganizar práticas pedagógicas, promovendo investigação, resolução de problemas, pesquisa, colaboração e reflexão crítica em que o professor permanece como figura central do processo educativo, mas sua atuação concentra-se na mediação da aprendizagem, incentivando o diálogo, a autonomia e a participação. Freire (2011), ressalta que a educação democrática somente se concretiza quando professores e estudantes constroem o conhecimento de forma compartilhada, respeitando saberes, experiências e diferentes formas de compreender o mundo. Nesse sentido, aprender torna-se um exercício permanente de curiosidade, descoberta e transformação. As metodologias ativas representam uma das principais perspectivas para a aprendizagem contemporânea. Essas abordagens propõem que os estudantes participem efetivamente da construção do conhecimento, desenvolvendo competências cognitivas, sociais e emocionais. Entre as metodologias mais difundidas destacam-se a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a sala de aula invertida, a gamificação, os estudos de caso e o ensino híbrido.

Observa-se que essas estratégias favorecem o desenvolvimento da autonomia, da criatividade, do pensamento crítico, da comunicação e da colaboração. Além disso, aproximam o conhecimento escolar das situações reais vivenciadas pelos estudantes, tornando a aprendizagem mais significativa. Entretanto, sua implementação requer planejamento, formação continuada dos professores e uma cultura institucional comprometida com práticas inovadoras.

No que concerne acerca das transformações nos processos educativos, as tecnologias digitais, como plataformas virtuais, ambientes digitais de aprendizagem, inteligência artificial, realidade

aumentada e ferramentas colaborativas ampliaram as possibilidades de ensinar e aprender. Contudo, sua utilização deve ocorrer de forma crítica e intencional, no qual a tecnologia não substitui o trabalho pedagógico nem o papel do professor; ela amplia possibilidades quando integrada a objetivos educacionais bem definidos. Destaca-se na literatura, desafios na área da inclusão digital, pois, embora o acesso às tecnologias tenha aumentado, de forma significativa, persistem desigualdades relacionadas ao acesso à internet, equipamentos e competências digitais, exigindo políticas públicas voltadas à democratização desses recursos.

Pesquisas na área da educação demonstram que fatores emocionais influenciam diretamente os processos de aprendizagem, como motivação, autoestima, empatia, pertencimento e segurança emocional constituem elementos fundamentais para o desenvolvimento acadêmico, de modo que a aprendizagem socioemocional busca desenvolver competências relacionadas ao autoconhecimento, autocontrole, responsabilidade, cooperação, empatia e resolução de conflitos.

Quando o ambiente escolar promove relações respeitadas, acolhedoras e colaborativas, cria-se um espaço favorável para que os estudantes desenvolvam não apenas competências cognitivas, mas também habilidades necessárias à convivência democrática e à cidadania. As perspectivas atuais para a aprendizagem reconhecem que a diversidade constitui um elemento enriquecedor dos processos educativos. Nesse sentido, a educação inclusiva propõe garantir condições para que todos os estudantes tenham acesso, participação e aprendizagem, independentemente de suas características individuais, culturais ou sociais. Essa compreensão exige práticas pedagógicas flexíveis, adaptações curriculares,

utilização de recursos acessíveis e valorização das diferentes formas de aprender. Além disso, mais do que assegurar direitos legais, a inclusão representa um compromisso ético com a construção de uma escola que reconheça e respeite as singularidades humanas.

Nota-se que as tendências educacionais apontam para uma aprendizagem cada vez mais personalizada, colaborativa e interdisciplinar. Espera-se que as escolas fortaleçam ambientes capazes de integrar tecnologias, inovação, pesquisa, criatividade e desenvolvimento humano. A aprendizagem ao longo da vida se torna uma necessidade permanente, considerando que o conhecimento se renova continuamente. Nesse contexto, aprender deixa de ser um objetivo restrito ao período escolar e passa a constituir uma competência indispensável para a vida pessoal, profissional e social. Formar sujeitos capazes de aprender continuamente talvez seja o maior desafio da educação contemporânea.

Entende-se que as perspectivas para a aprendizagem revelam que educar ultrapassa a simples transmissão de conteúdos, onde aprender significa construir conhecimentos, desenvolver competências, fortalecer valores e ampliar a capacidade de compreender e transformar a realidade. Com relação às contribuições de Piaget, Vygotsky, Ausubel, Freire e Morin, pode-se entender que a aprendizagem ocorre por meio da interação entre aspectos cognitivos, sociais, culturais e emocionais. Assim, o professor atua como mediador, o estudante assume papel protagonista e a escola transforma-se em espaço de diálogo, investigação e desenvolvimento humano.

Diante das constantes mudanças da sociedade, investir em práticas pedagógicas inovadoras, inclusivas e humanizadas representa um compromisso com uma educação capaz de formar cidadãos críticos, éticos, criativos e preparados para enfrentar os desafios do presente e do futuro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste estudo permitem reafirmar que a avaliação educacional não pode ser compreendida apenas como um instrumento de mensuração de resultados, mas como um processo pedagógico complexo, atravessado por dimensões éticas, políticas e formativas. Nesse sentido, avaliar implica acompanhar trajetórias de aprendizagem, interpretar processos e compreender as diferentes formas pelas quais os estudantes constroem o conhecimento ao longo de sua formação.

Os resultados teóricos discutidos evidenciam a necessidade de superação de práticas avaliativas tradicionalmente centradas na classificação e na seleção, em direção a uma perspectiva formativa, contínua e mediadora. Nessa abordagem, o erro assume papel fundamental como elemento constitutivo da aprendizagem, possibilitando ao professor reorientar suas práticas pedagógicas e promover intervenções mais significativas e contextualizadas. Além disso, destaca-se a importância de considerar os saberes prévios e as experiências socioculturais dos estudantes, condição essencial para uma avaliação mais inclusiva e sensível às diversidades presentes no espaço escolar.

Considera-se que uma avaliação comprometida com o desenvolvimento integral dos sujeitos deve ser democrática,

contextualizada e humanizada, contribuindo não apenas para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, mas também para a construção de uma educação mais equitativa e socialmente referenciada. Nesse sentido, a avaliação reafirma seu papel como elemento estruturante da prática pedagógica e como instrumento de transformação da realidade educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. **Avaliação educacional:** regulação e emancipação. São Paulo: Cortez, 2009.

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos:** uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora:** uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação:** políticas educacionais e reformas da educação superior. São Paulo: Cortez, 2003.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender:** fundamentos, práticas e políticas. São Paulo: UNESP, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Os reformadores empresariais da educação.** Campinas: Autores Associados, 2014.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito & desafio:** uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias:** o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens:** entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Maria Marta Vinre e Solange Nykanopf. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Penso Editora, 2015.

¹ Mestrando em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas – Py.

² Mestrando em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas – Py.

³ Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas – Py.

⁴ Mestrando em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas – Py.

⁵ Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas – Py.

⁶ Doutor em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas – Py.